

PEDAGOGIA CONTRA HEGEMÔNICAS: A CONTRIBUIÇÃO DA AGROECOLOGIA E DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Beatriz Duarte Donato¹

Ronalda Barreto Silva²

PALAVRAS-CHAVE

Economia solidária; Educação popular; Agroecologia; Pedagogia social

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas no mundo do trabalho, marcadas pelo aumento do desemprego, pela informalidade e pela precarização das relações laborais, impactaram diretamente a vida de milhares de trabalhadores no Brasil. Nesse cenário, a economia solidária surgiu como uma alternativa de inclusão social e geração de renda, baseada na cooperação, na autogestão e na solidariedade, configurando-se também como uma forma de resistência ao modelo capitalista (SINGER, 1999).

Nesse contexto, compreendeu-se que a economia solidária não se limita apenas ao campo econômico, mas também se constitui como um processo formativo. Assim, considerando que a economia solidária é pedagógica e, portanto, um ato político, tornou-se necessário refletir sobre o papel do pedagogo nos empreendimentos solidários, especialmente nos espaços não escolares, onde sua atuação se dá na mediação de saberes, no fortalecimento da autonomia dos sujeitos e na construção coletiva do conhecimento.

Dessa forma, este trabalho teve como base a experiência vivenciada no projeto de extensão *A Bahia Sem Fome: pelo direito de produzir e viver de maneira sustentável*, entendido também como uma política pública voltada ao fortalecimento de empreendimentos da economia solidária no combate à fome. Tem como objetivo contribuir para a segurança alimentar e nutricional das famílias beneficiadas pelo projeto, a partir da geração de trabalho e renda com o beneficiamento dos alimentos produzidos, organização da comercialização, da administração e finanças do empreendimento da agricultura familiar. A partir disso, as ações foram desenvolvidas com empreendimentos acompanhados pela equipe do projeto, entre eles o da Associação Beneficente Educacional Cultural Quilombola da Ilha de Maré (ABECQUIM), localizada no município de Salvador.

Assim, este resumo busca apresentar reflexões sobre a relação entre economia solidária, agroecologia e atuação pedagógica no espaço não escolar, a partir das vivências construídas no território, destacando a importância da agroecologia, da valorização dos saberes locais e da identidade cultural das comunidades envolvidas, enquanto ação contra hegemônica, de resistência às mazelas impostas pelo capitalismo financeiro, neoliberal aos trabalhadores e trabalhadoras.

¹ Beatriz Duarte Donato Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB. E-mail: bd715448@gmail.com

² Professora Titular do Departamento de Educação (Campus I) da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Pedagoga, Doutora em Educação pela UNICAMP e Pós-doutorado em Sociologia pela UNB. E-mail: ronaldabarreto@uol.com.br.

METODOLOGIA

Este trabalho caracterizou-se como um relato de experiência, de abordagem qualitativa, construído a partir da participação no projeto de extensão *A Bahia Sem Fome: pelo direito de produzir e viver de maneira sustentável*. As atividades foram desenvolvidas junto a catorze empreendimentos contemplados pelo edital, que teve como foco o fortalecimento da agroecologia e da economia solidária no combate à fome e na promoção da segurança alimentar. A atuação ocorreu por meio de encontros formativos, visitas técnicas, escuta ativa, assessoramento e acompanhamento sistemático dos empreendimentos. Essas ações foram fundamentadas em metodologias participativas, inspiradas na educação popular, valorizando o diálogo e o conhecimento prévio dos sujeitos envolvidos.

No contexto da Ilha de Maré, o acompanhamento foi realizado junto à Associação ABECQUIM, envolvendo principalmente mulheres quilombolas integrantes do empreendimento. Durante esse processo, foram desenvolvidas atividades voltadas à organização do grupo, ao fortalecimento da produção e à valorização dos saberes locais. Além disso, as ações foram orientadas pelos princípios da agroecologia, incentivando práticas sustentáveis de produção e a valorização da relação com o território. O processo metodológico articulou teoria e prática, configurando-se como um espaço formativo tanto para os participantes quanto para os extensionistas envolvidos.

O processo de incubação desenvolvido no âmbito do projeto ocorreu de forma contínua e estruturada, envolvendo diferentes etapas que foram desde o diagnóstico inicial dos empreendimentos até o acompanhamento mais sistemático de suas atividades. Esse processo foi construído a partir da realidade dos sujeitos envolvidos, considerando suas necessidades, potencialidades e desafios, o que possibilitou a elaboração de ações mais coerentes com o contexto local. Dessa forma, a incubação não se limitou a orientações pontuais, mas se configurou como um processo formativo permanente, baseado na troca de experiências, no diálogo e na construção coletiva de soluções.

Nesse processo, a educação assume um papel fundamental, especialmente por meio de práticas inspiradas na educação popular, que valorizam o diálogo, a escuta e a construção coletiva do conhecimento. Dessa forma, a formação dos sujeitos ocorre não apenas em espaços formais, mas também nas vivências cotidianas, fortalecendo práticas emancipadoras e contribuindo para a transformação social.

Nesse sentido, a metodologia de incubação adotada esteve fundamentada em práticas participativas e na valorização dos saberes populares, articulando o conhecimento acadêmico com o conhecimento construído no território. As ações incluíram momentos de formação, planejamento coletivo, acompanhamento da produção e reflexões sobre a organização do trabalho, sempre respeitando o tempo e o modo de organização do grupo. Esse processo contribuiu para o fortalecimento da autogestão, promovendo maior autonomia das participantes e possibilitando que elas se reconhecessem como protagonistas de suas próprias práticas, reforçando o caráter educativo, social e político da economia solidária.

A economia solidária, articulada à agroecologia, apresenta-se como uma importante estratégia de enfrentamento às desigualdades sociais e ao modelo capitalista excludente. Nesse sentido, a agroecologia não se limita apenas a práticas agrícolas sustentáveis, mas se constitui como um movimento social, político e educativo, que propõe novas formas de relação entre os sujeitos e a natureza. Ela valoriza os saberes locais, a cultura dos territórios e a produção de alimentos de forma sustentável, sendo especialmente presente nos contextos da agricultura familiar e das comunidades tradicionais.

A transição para a agroecologia envolve não apenas mudanças nas formas de produção, mas também um processo educativo que transforma a maneira como os sujeitos compreendem o trabalho, o território e a própria relação com a natureza. Trata-se de um movimento que exige a valorização dos conhecimentos tradicionais, o fortalecimento da autonomia dos trabalhadores e a construção coletiva de alternativas sustentáveis de produção e vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência vivenciada demonstrou que a economia solidária se constituiu não apenas como uma alternativa de geração de renda, mas também como um processo educativo e formativo. As atividades desenvolvidas possibilitaram a construção de vínculos com a comunidade, o fortalecimento da escuta e a valorização dos saberes locais. Durante os encontros e formações, foi possível observar o desenvolvimento das participantes do empreendimento, especialmente no que se refere à valorização de sua produção. Um dos aspectos mais significativos foi o reconhecimento do doce de banana na palha, produzido desde o século XVII, como um diferencial do grupo, não apenas como um produto para comercialização, mas como um elemento carregado de valor cultural, histórico e identitário.

Nesse processo, as mulheres quilombolas passaram a compreender a importância do doce de banana como parte de sua identidade e como uma potencial fonte de geração de renda, fortalecendo o sentimento de pertencimento ao território. Essa valorização contribuiu para o reconhecimento da própria história e cultura da comunidade. Além disso, as ações de assessoramento e formação contribuíram para o fortalecimento da autogestão, incentivando a participação coletiva nas decisões do empreendimento. O acompanhamento sistemático possibilitou a construção de conhecimentos de forma compartilhada, respeitando os saberes já existentes e promovendo novas aprendizagens.

No contexto das comunidades tradicionais, como as comunidades quilombolas, a agroecologia se articula diretamente com os modos de vida e com a identidade cultural dos sujeitos. Assim, a valorização de práticas produtivas locais, como a produção artesanal de alimentos, contribui não apenas para a geração de renda, mas também para o fortalecimento do território, da cultura e do sentimento de pertencimento.

Nessa perspectiva destaca-se o papel do pedagogo no espaço não escolar, atuando como mediador desses processos, organizando os momentos formativos, promovendo o diálogo e contribuindo para a construção coletiva do conhecimento. Importante ressaltar a análise de Silva e Silva (2025) que considera o diálogo de saberes na

contribuição para a constituição de sujeitos dotados de autonomia desenvolvendo a capacidade de atuar em processos emancipatórios.

Segundo os autores, na perspectiva freireana o diálogo de saberes é o elemento fundamental, enquanto metodologia na educação popular para desenvolver a consciência crítica, considerando que o conhecimento está sempre em construção.

A politicidade da prática educativa reside, assim, na leitura de mundo, ao compreendê-lo, nas suas relações construídas socialmente, e transcendê-lo no sentido da libertação. Este ato supõe, também, o domínio dos instrumentos da cultura dominante, a exemplo da leitura e escrita.

Na perspectiva de construção de um modelo de desenvolvimento solidário, incluyente e sustentável é fundamental a reestruturação do processo educativo escolar e não escolar. A passagem de uma visão de mundo competitiva e individualista que justifica e reproduz as desigualdades sociais para uma visão de mundo solidária, cooperativa que preza por uma maior distribuição da renda e riqueza impõe um processo educativo que, na visão de Freire seria libertador.

Singer (1998, 2002) desejava um novo mundo que valorizasse o valor e a dignidade do trabalho e contrário ao caráter destrutivo do capitalismo e à dependência imperialista. Para tanto, colocava questões que perpassam processos educativos: poderá ser a economia solidária uma estratégia de desenvolvimento alternativo ao capitalismo? é possível levar o desenvolvimento a comunidades pobres? ele responde positivamente ao seu próprio questionamento.

O desenvolvimento solidário tem uma lógica e valores diferenciados: o progresso tecnológico, nessa perspectiva, deve respeitar a natureza, promover a autorrealização das pessoas, favorecer a igualdade e visar à satisfação de necessidades prioritárias da maioria. Os interesses sociais devem orientar as escolhas tecnológicas em favor da biodiversidade, da saúde e do bem-estar dos consumidores e da autonomia de produtores associados e individuais (Singer, 2022). A cooperação seria a motivação de comportamentos desejáveis, prevalecendo a reciprocidade e a ajuda mútua. (SILVA e SILVA, 2025, p.93/94)

Para implementar esses processos, Singer (2022) aponta a necessidade de uma reeducação coletiva, um desafio pedagógico, pois se trata de passar outra visão de como a economia de mercado pode funcionar e do relacionamento cooperativo entre sócios. Entende que, dessa forma, a economia solidária, ao reorganizar processos econômicos contextualizados em bases territoriais e em cadeias produtivas, possibilita o resgate e a valorização da cooperação entre pequenos produtores individuais e familiares, promovendo o trabalho associado e considerando as diversidades ecológicas, culturais e étnicas.

CONCLUSÃO

A partir da experiência analisada, compreendeu-se que a economia solidária se apresenta como uma importante alternativa frente às desigualdades sociais, promovendo inclusão, geração de renda e fortalecimento comunitário. Além disso, evidenciou-se seu caráter pedagógico e político, ao possibilitar processos formativos que contribuem para a emancipação dos sujeitos.

O projeto demonstrou a importância das políticas públicas voltadas para o fortalecimento da economia solidária, especialmente quando articuladas à agroecologia e à valorização dos territórios. As ações desenvolvidas contribuíram significativamente para o fortalecimento dos empreendimentos e para a autonomia dos participantes. Portanto, são conhecimentos e campo de atuação que possibilitam a formação contra hegemônica para a/o pedagoga/o, não só em espaços não escolares, mas, também, no espaço escolar, na formação profissional das novas gerações e na educação de jovens e adultos, evidenciando seu papel na mediação de saberes, na construção de processos educativos e na promoção de transformações sociais.